

A HISTÓRIA DO PARQUE SOUZA SOARES COMO ESPAÇO DE LAZER EM – PELOTAS/RS

Dalila Rosa HALLAL ¹

Dalila MÜLLER ²

“Mas o melhor passeio, o preferido, era a visita ao Parque Souza Soares. Até lá se levava obrigatoriamente o forasteiro, como um indispensável cartão de visita”.

Mário Osório Magalhães

Resumo: Neste artigo nos propomos buscamos identificar o surgimento e a trajetória do Parque Urbano Souza Soares de Pelotas e seu uso para o lazer em Pelotas, propiciando a comunidade acadêmica uma reflexão e participação na preservação da memória e história de Pelotas. Inicialmente discutimos a questão dos parques no mundo e no Brasil. Posteriormente fazemos um “passeio” pela história do Parque Souza Soares também chamado de Parque Pelotense e seus usos principalmente enquanto espaço de lazer. As fontes desta pesquisa foram documentais, existentes no acervo da Biblioteca Pública Pelotense; no Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Sul; no acervo fotográfico Néelson Nobre Magalhães - Memórias de Pelotas. Também nos Almanques de Pelotas e nos jornais. Pode-se identificar que o parque foi um dos principais espaços para o lazer dos pelotense, um espaço capaz de estabelecer relações sociais mediante práticas esportivas, educativas, culturais, artísticas e ambientais.

Palavras-chave: História; Parques Urbanos; Lazer; Parque Souza Soares; Pelotas.

Introdução

É no século XIX, diante de um forte incremento populacional nas cidades que, largos e praças, espaços, de tamanho bastante reduzido, não mais atendem às necessidades da população. São criados os parques urbanos visando minimizar a deterioração da qualidade de vida no meio urbano e os processos de degradação ambiental bem como proporcionar áreas de lazer à população.

Entre os múltiplos espaços de lazer existentes no município de Pelotas no início do século XIX, os parques urbanos são lugares interessantes para pensar a relação entre as formas desta manifestação e o desenvolvimento da cidade.

Na virada do século XIX para o XX, Pelotas vivia uma época de transformações infraestruturais, ainda em função da prosperidade econômica obtida entre 1860 e 1890, momento em que as charqueadas trouxeram grandes recursos econômicos para a região. Nesta cidade convivia uma riqueza imponente, que se expressava por meio de seus casarios

¹ Doutora em História – PUCRS; Mestre em Turismo - UCS. Docente do Curso de Bacharelado em Turismo da UFPel. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4606760006124679>. E-mail: dalilahallal@gmail.com.

² Doutora em História – UNISINOS; Mestre em Turismo - UCS. Docente do Curso de Bacharelado em Turismo da UFPel. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3450137421308599>. E-mail: dalilam2011@gmail.com

e uma pobreza marcante, que excluía de uma sobrevivência digna milhares de pessoas, em sua maioria, negros recém libertos e imigrantes pobres.

A opulência de Pelotas durante as décadas finais do século XIX tem sido relatada por vários autores³, que definiram a cidade tendo como marca a importância dos barões do charque, uma vez que no auge da sua produção (1860-1890) a cidade contou com cerca de 40 charqueadas, que além de proporcionarem um grande crescimento econômico para a região, favoreceram a construção de uma nova infra-estrutura, que se relacionava a obras para o melhoramento de águas e instalação de esgotos, aumento de iluminação pública, novos meios de transporte, além das transformações no que diz respeito à cultura e ao lazer, com a inauguração da Biblioteca Pública Pelotense em 1875 e a proliferação de clubes e associações recreativas, culturais, étnicas, bailantes, carnavalescas, literárias, religiosas e a existência de um número impressionante de jornais diários, além de muitos semanários.

Todo este progresso, no entanto, estava ainda circunscrito a pequenos espaços territoriais, geralmente no centro da cidade e a cultura e o lazer se destinava a poucas parcelas da população. (Gill, 2008, p.1)

Nesse momento de modernidade, de transformações e progresso da cidade, na chamada *Belle Époque* de Pelotas, que ocorreu entre os anos de 1890 e 1927, justamente, por ter sido uma época de efervescência de fatos culturais nesta localidade. Dentre estes acontecimentos se pode destacar a explosão da imprensa, na segunda metade do século XIX, o surgimento da Guarani Films em 1914, a re-inauguração do Theatro Sete de Abril em 1916, a inauguração do Theatro Guarany em 1921 e a proliferação do comércio em diversos segmentos (MARRONI, 2008, p.27). Importante citar que foi ao redor deste contexto da *Belle Époque* Pelotense que foi inaugurado o Parque Pelotense, conhecido como Parque Souza Soares, no final do século XIX.

Impossível analisar espaços de lazer em Pelotas no século XIX, sem falar no Parque Souza Soares, ao qual transformou a vida dos pelotenses, dando-lhes um lugar de diversão e lazer. Assim, a escolha deste parque deveu-se ao seu caráter precursor em Pelotas o que, de forma inerente, lhe configura como um elemento de grande importância na história da cidade. Conhecido primeiramente como Parque Pelotense, o Parque Souza Soares foi inaugurado em 1883 pelo seu fundador, Alvares de Souza Soares (mais conhecido como Visconde de Souza Soares).

³ Ver sobre o assunto: MAGALHÃES, Mario. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*: um estudo sobre a História de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Ed. da UFPel: Co-edição Livraria Mundial, 1993; OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. Pelotas: Ed. Armazém Literário, 1998. ANJOS, Marcos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XX*. Pelotas: Ed. da UFPel, 2000 e Müller, D. (2010). *“Feliz a População que tantas Diversões e Comodidades Goza”*: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). Tese, Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS.

Assim, tomamos como objeto de estudo o Parque Souza Soares, uma vez que podemos encontrar nesta trajetória elementos interessantes para a discussão sobre os papéis desempenhados pelos espaços dos parques urbanos nas práticas de lazer dos sujeitos no seu tempo livre.

Tal como o lazer, o parque urbano é um produto da cidade moderna. Nasceu, a partir do século XIX, da necessidade de dotar as cidades de espaços adequados para atender a uma nova demanda social. Naquele período, o lazer e o tempo livre deveriam contrapor-se ao trabalho e ao tempo produtivo, gerados pelas imanências do ambiente urbano. (Macedo; Sakata, 2002). Estes locais teriam por função conduzir os sujeitos à sensação de descanso e de entretenimento, seja pela recriação do contato com a natureza, seja pela oferta de atividades dotadas de elementos lúdicos, que despertassem o sujeito para uma noção de tempo e de outra conduta daquela proporcionada pelo sistema produtivo das fábricas.

O estudo trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que busca investigar e registrar a história do Parque Souza Soares de Pelotas, buscamos identificar o surgimento e a trajetória de seu uso para o lazer em Pelotas.

O estudo constituiu-se de uma pesquisa bibliográfica, onde buscou-se uma fundamentação teórica ao objeto de estudo; e pesquisa de caráter documental, através do levantamento de materiais a partir dos quais foram feitas as análises.

A pesquisa documental foi realizada no acervo da Biblioteca Pública Pelotense; no Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Sul; no acervo fotográfico Nélon Nobre Magalhães - Memórias de Pelotas da Universidade Católica de Pelotas. Também nos Almanques de Pelotas, nos jornais da cidade (Correio Mercantil, Arauto e, Diário Popular) e na internet.

Parques Urbanos

A presença dos jardins é significativo para a construção dos parques urbanos. Por conseguinte, esses locais representam a iniciativa de construção de espaços com a presença de natureza na cidade voltados ao lazer.

A presença dos jardins remete-se à tentativa de resgatar o paraíso perdido, tendo-se em vista que tanto os jardins públicos quanto os privados proporcionam a contemplação/fruição, o descanso, o flunar ou, simplesmente, o contato com a natureza. Posteriormente, os parques urbanos continuam com essa função, acrescida da ideia de representar um espaço com fragmento de natureza no meio urbano e a prática de lazer – socialização – nas cidades. (Melo, 2013).

Segundo Segawa (1996, p. 23) “na Europa dos séculos 17 e 18, manifestações de apreço com a natureza e a paisagem afloravam com maior intensidade.” Tornou-se um hábito cotidiano o contato com a natureza pelo fato dela proporcionar um devaneio íntimo, privacidade, meditação, repouso e harmonia. Os jardins e os parques públicos, com a presença da natureza, se destacam como criações marcantes na urbanização e podem ser

considerados como espaços para contemplação/fruição, (re) significando a experiência na *urbe*. No final do século XVIII, aparecem os primeiros jardins públicos voltados para o lazer.

Scocuglia (2009) ressalta que os primeiros parques urbanos surgiram paralelamente à formação das cidades em fins do século XVIII, sendo o seu apogeu nas décadas de 1850 e 1860, na Europa e nos Estados Unidos.

No final do século XVIII, na Inglaterra, o parque surge como um fato urbano relevante e tem seu pleno desenvolvimento no século seguinte, [...]. No século XIX surgiram os grandes jardins contemplativos, os parques de paisagem, os parkways, os parques de vizinhança americanos e os parques franceses formais e monumentais (Scalise, 2002,s/p).

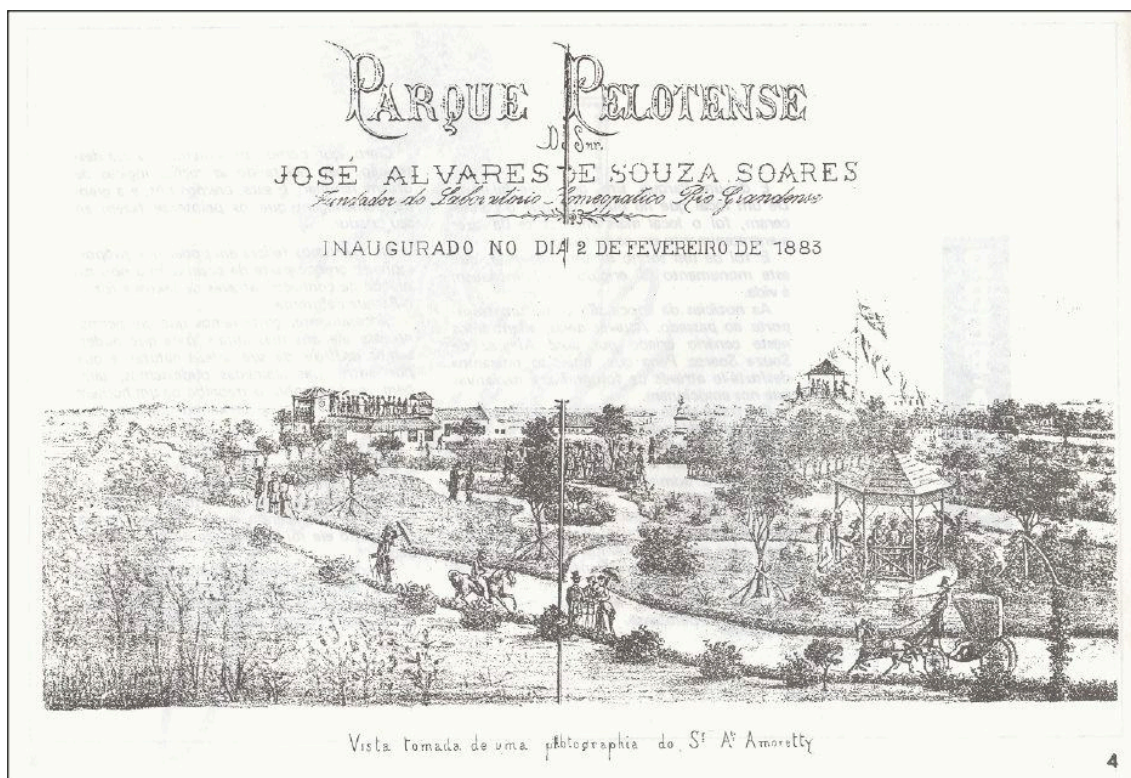
Apesar dessas motivações em outros países, o Brasil não foi impulsionado por tais mudanças comportamentais, pois segundo Scocuglia (2009), o país ainda não possuía uma rede urbana expressiva e o sistema de parques funcionava como uma extensão do cenário das elites que apenas “repetiam” os modelos internacionais, ingleses e franceses. No início do século XIX, o Brasil é marcado por uma organização em sua estrutura, principalmente a partir da vinda da família real portuguesa em 1808. Macedo (2003) afirma que tal reestruturação reflete nas velhas e pequenas cidades, reorganizadas para desempenhar novas e sofisticadas funções administrativas; uma dessas cidades é a antiga capital, o Rio de Janeiro, que incorpora tais funções, tornando-se rica em recursos e investimentos. O autor ressalta ainda que, os parques construídos em pequeno número, eram localizados em algumas das grandes cidades e restritos às áreas centrais e bairros de elite.

Os parques urbanos no Brasil, ao contrário dos europeus, não surgiram da necessidade social de espaços públicos para o lazer da massa urbana, mas sim para a elite. O parque brasileiro, no século XIX, era totalmente alheio às necessidades sociais da massa urbana contemporânea, haja vista que esses indivíduos usufruíam de outros espaços, como várzeas, rios e riachos para a prática de lazer.

O Parque Pelotense ou Parque Souza Soares

A inauguração do Parque Pelotense, também conhecido como parque Souza Soares, ocorreu em fevereiro de 1883 (Figura 1) e é oficialmente o parque urbano mais antigo de Pelotas.

Figura 1 – Parque Pelotense



Fonte: Acervo Nelson Nobre/Pelotas Memória.

José Alvares Souza-Soares (1846-1911) natural de Vairão (Vila do Conde) era filho de um médico e de uma farmacêutica, sendo o penúltimo descendente de uma numerosa família com nove filhos. [...] . A sua aposta na promoção da saúde e qualidade de vida humana manifestou-se em variadas situações. [...] É na cidade de Pelotas que Souza-Soares cria o seu grande laboratório, inserido num magnífico parque também criado pelo brasileiro, inaugurado em 1883 na presença do Imperador. (Peixoto, 2016, p. 8)

O planejamento de fundação do Parque Pelotense e seu respectivo laboratório remontam ao ano de 1881, quando José Alvares de Souza Soares - mais conhecido como Visconde de Souza Soares - comprou uma grande extensão de terras em Pelotas, cidade localizada ao sul do Rio Grande do Sul (Rassier, 2003, p.25), na qual fez grandes investimentos para então inaugurar, dois anos após, o Parque Souza Soares conhecido, primeiramente, como Parque Pelotense. Este Parque possuía dentro de seus limites, um laboratório farmacêutico. (Rassier, 2003, p.22 - 26) (Nunes, 2007).

Em 02 de fevereiro de 1883, ele inaugura o Parque Pelotense, local fundado para abrigar sua família e o seu novo estabelecimento Industrial Farmacêutico Souza Soares, tratava-se de uma expansão de seu Laboratório Homeopático Rio-grandense, fundado em 01 de julho de 1874, uma das primeiras farmácias da cidade de Pelotas.

É nesse período que segundo Macedo (2003) que o parque torna-se um elemento urbano comum, pois não só as principais capitais possuem belos parques, como também comunidades urbanas de médio e pequeno porte. O autor destaca também que nesse

período, surgem os primeiros parques privados do país. É o caso do Parque Pelotense em Pelotas.

O século XIX foi um momento em que a população, além de vivenciar as preocupações com o saneamento, o aformoseamento e a higienização das cidades, também experienciou as transformações decorrentes da instalação de obras destinadas ao bem público, financiadas, na maioria das vezes, por capitais privados.

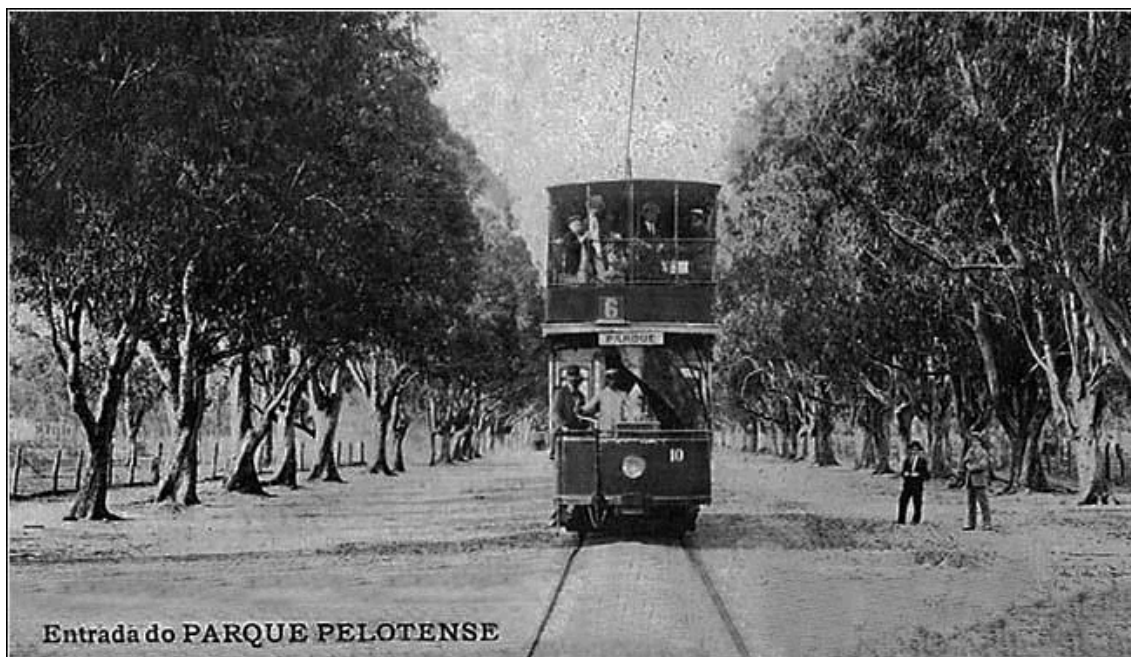
Outro aspecto a ser salientado é que o espaço servia como moradia para a família, prática muito comum nesse período, a presença de grandes jardins privados nas moradias da pequena elite no século XIX, caracterizadas por pequenos palacetes construídos no meio de amplos jardins.

O parque localizava-se em uma região periférica da cidade, na direção oeste: o prolongamento da avenida Vinte de Setembro. O Parque situava-se no bairro hoje denominado Fragata e comunicava-se com a cidade de Pelotas através de linha telefônica e bondes que percorriam o trajeto do centro da cidade a ele em 25 minutos. (Souza Soares, [s.d.], p.191).

Um dos aprazíveis recantos do Parque Pelotense. “Com efeito, nenhum outro local pode, por enquanto, oferecer as vantagens recreativas do Parque, aonde a par de uma sombra deleitável, se aspira o perfume das flores e os poéticos encantos d’um panorama agradável. O Sr. Souza Soares deu à inauguração do seu estabelecimento campestre um caráter puramente popular. Franqueando-o ao público, sem distinção de classes, mostrou-se indistintamente afável e obsequioso com todos”. (Jornal *Onze de Julho*, de 4 de fevereiro de 1883).

No início de seu funcionamento, a locomoção para o Parque era feita a pé, em carruagens particulares ou de aluguel, e através de bondinhos puxado a burro. O lugar tornou-se tão importante para a população que a Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas prolongou a linha de bondes até a entrada do Parque, no Fragata (Figura 2).

Figura 2 - Bonde na entrada do parque



Fonte: Acervo Nelson Nobre/Pelotas Memória.

O Parque Souza Soares, além de espaço para o lazer, moradia, era também ambientes de ensaio e pesquisa de plantas. Era situado na borda da cidade, como nas antigas cidades europeias, em terras muito ruins para arruamento ou construção.

Silveira (2009) destaca a carência de espaços públicos de lazer na cidade durante o século XIX. Essa carência de locais de recreação permeou as discussões da Câmara de Vereadores, restringindo a instalação de obras privadas, destinadas ao bem público, em praças, largos e parques.

O parque foi criado a partir de uma campina até ali inculta e árida, transformando-se numa área constituída por terrenos de lavoura, frondosos bosques, jardins, lagos, cascatas, praças com estátuas e avenidas. A parte lúdica não foi esquecida, surgindo assim no parque um ringue, vários jogos e aparelhos gimnodesportivos. Este parque compreendia vários edifícios, uns de menor e outros de maior porte. Os edifícios principais eram ocupados pela Fábrica e Laboratório Homeopático e ainda pela escola Popular do Gran Pará para crianças com escassos recursos. (Peixoto, 2016, p. 7- 8). O proprietário do parque construiu moradias para operários e empregados. O parque incluía também uma enorme estufa e restaurante e ainda uma pensão para os empregados que eventualmente quisessem tirar uns dias de férias e de descanso, sem terem de se deslocar para longe, aproveitando as vantagens que aquele local podia proporcionar.

O parque possuía mais de 300 mil metros quadrados de área e compreendia, além do laboratório farmacêutico, granja, jardins com estufas, bosques, labirintos, fontes, praças, espaçosas ruas e passeios, restaurante, residências para os empregados, fábricas dos medicamentos, escola, capela e uma tipografia (Souza Soares, [s.d.], p.199).

Esses dados levam a crer na importância do Parque na cidade e, da mesma forma, da autonomia econômica que a indústria farmacêutica que o sustentava, detinha.

Conforme Oliveira (2007, p.25), este português em pouco tempo conseguiu construir num local primitivo, uma obra grandiosa e maravilhosa, contemplada e admirada por todas as inúmeras pessoas que compareciam ao local. No parque havia muita diversão como carrossel, balanços, rинque de patinação e vários esportes como futebol, esgrima e outros mais, tudo a disposição da população localizados na Praça dos Recreios (Figura 3).

Figura 3 – Praça dos Recreios.



Fonte: Acervo Nelson Nobre/Pelotas Memória.

Em relação ao Parque, principal local de recreio e de ócio dos pelotense, Soares argumenta que a sua criação se insere em um conjunto de operações entendidas como “saneamento social” da cidade. Apesar de estar situado em uma propriedade particular, era aberto “ao público ‘sem distinção de classes’”. Enquanto espaço de reunião da população da cidade cumpriu diversas funções, sobretudo sociais: “permitia à burguesia local transmitir uma boa imagem e seu desejo de integração de todas as classes sociais, também se constituía num fator de controle social, pois a população trabalhadora era, educada através dos hábitos higiênicos e polidos dos mais ricos”. (Soares, 2001, p.188).

[...] o **Parque Pelotense**, ou **Parque Souza Soares**, [...] Além da fábrica e laboratório, aquela grande extensão de terreno transformou-se em agradável ponto de atração turística, de lazer e entretenimento, com escola, capela, carpintaria, restaurante, lagos, cascatas, bosques, uma linha férrea e uma bem montada estrutura gráfica. Dali saíram, com esmerada feição, livros, panfletos, almanaques, cartazes, reclames, revistas e, segundo consta, até a edição inaugural do poemeto “Antonio Chimango”, de Ramiro Fortes de Barcellos. (Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Sul, 2012, p.198).

O parque foi considerado uma alavanca para a popularidade as atividades de lazer e turismo que ofertava, trazendo muitas pessoas de fora para visitá-lo e, assim, captando muitos recursos para a cidade que lhe sediava. Era um lugar muito conhecido por suas grandiosas e originais festas (Rassier, 2003, p.65).

No Parque ocorriam diversas festas, com muita musica, dança, bailes ao ar livre, etc.

A FESTA DE TODOS OS SANTOS - A excelente banda de musica Santa Cecília executará se o tempo permitir, as melhores peças de seu repertório nos jardins d'este aprazível centro de reunião da sociedade pelotense, que ali encontrará além de um ar puro e balsâmico, diferentes divertimentos do melhor gosto. (Correio Mercantil, Pelotas, 31. 10.1885).

Os parques contribuem “[...] para melhorar a qualidade da vida urbana e oferece aos habitantes das cidades espaços recreativos e de lazer ‘festivo’” (Serpa, 2007, p. 82).

O Parque apresentava diversos tipos de divertimentos, sendo um ponto bastante frequentado pelos moradores da cidade:

BAILE – Os apreciadores dos agradáveis bailes campestres, encontrarão no parque, elegantes salões, onde podem dançar, ao ar livre, bonitas havaneirass, polkas, walsas, etc., que a banda executará em seu novo e elevado coreto. PASSEIO MARITIMO – Fluctuando no caudaloso lago [...] acham-se a disposição dos apreciadores dos passeios marítimos, dois elegantes e soberbos cahiques. EM VELOCIPEDE – Alguns distintos moços do commercio, pretendem, neste domingo, realizar uma interessante passeiata, em velocípede, por algumas das vistosas ruas do Parque, o que será de agradável e surprehendente effeito. A CAVALLLO – Os cavalleiros que se quizerem exercitar em alguns jogos, tem a sua disposição superiores cavallos na Praça de recreio. ANDARILHO – Esta maravilha da mocidade, acha-se a disposição sómente do bello sexo e das crianças. GYMNASTICA – Brevemente vão ser montados, vários aparelhos de gymnastica, para os amadores d'estes higienicos exercícios. LABIRINTO – Achando se quase concluído este divertimento, tão usado na Europa, está desde já á disposição de quem nelle se quizer perder. FONTE – Existem ruas bastante francas, que seguem á fonte, tanto para pessoas de pé como de carro ou a cavallo. AGUA FRESCA – Aquelles que não quizerem ir á fonte, á água, encontraram da mesma, gratuitamente, no Expositor de plantas e quem os sirva. (Só pela água, vale a pena o passeio!) RESTAURANT – Junto á Praça do Recreio, [...]. (Correio Mercantil, Pelotas, 14.12.1883, p. 2 e 3)

Assim, evidencia-se que o Parque proporcionava diversas atividades de lazer, sendo um local bastante frequentado pela elite da cidade: eram realizados bailes ao ar livre; passeios em lagos, em velocípedes ou a cavalo; aparelhos de ginástica eram disponibilizados, para “higiênicos exercícios”; restaurante; concertos com bandas de música locais, entre outras atrações (Correio Mercantil, 14.12.1883, pp. 2-3)

Magalhães (1993, p. 157) descreve que no parque as atividades de lazer incluíam “músicas, cascatas, labirintos, morros, ringues, chalés, riachos e pontes”.

O Parque Pelotense foi construído, com o intuito de valorizar o espaço e constituir o lazer; no entanto, não era muito frequentado pela massa urbana e sim pelas elites. Ressalta-se que, o parque Pelotense era um espaço representativo para o lazer dos cidadãos e espaços de natureza que favorecem a sensação de liberdade. Para Serpa (2007) desde o século XIX até os tempos atuais, os parques representam um lugar de sociabilidade e urbanidade.

No Parque Souza Soares encontrava-se um vasto labirinto, lugar com passagens confusas e intrincadas feitas com “cerca viva” (plantas utilizadas como cerca), no qual as pessoas se divertiam procurando umas as outras e tentando achar a saída do local, pois era muito difícil encontrá-la.

Próximo ao labirinto, existia o Morro Santa Cecília, o qual era usado como mirante, tendo-se ampla visão do lugar e arredores, também era o local onde se realizavam concertos musicais (Figura 4).

Figura 4 – Morro Santa Cecília no parque.



Fonte: Acervo Nelson Nobre/Pelotas Memória.

O Parque foi construído com o objetivo de proporcionar divertimentos junto à natureza para a população de Pelotas.

[...] um extenso jardim, maior que o da praça Pedro II., com bosques, lagos navegáveis em pequenos barcos, ilhas, morros de grande elevação, grande praça arborizada, caramanchões, chalets, kiosques, estufa de aclimação, pontes, e assentos por toda à parte! Uma fonte de riquíssima água, só comparável à melhor da serra! Mais de dois mil pés de árvores frutíferas, de primeira qualidade, havendo entre elas muitas laranjeiras de 10 anos, com toda sua capa primitiva! Grande horta; grandes lavouras dos principais e mais necessários cereais. [...] (Onze de Junho, Pelotas, 18.04.1883, p. 2,).

O parque era citado como “o mais viçoso e aprazível jardim que ainda aformoseia os arrabaldes de Pelotas” (Arauto. Pelotas, 20.12. 1903. Número 51. Anno XVII, p.01).

O filme mudo brasileiro “Os óculos do vovô” de 1913, teve como cenário escolhido para as filmagens o Parque Souza Soares. O filme é o mais antigo filme de ficção brasileiro ainda preservado, dirigido pelo português Francisco Dias Ferreira dos Santos (1873-1937), foi originalmente produzido na cidade de Pelotas pela empresa Guarany Fábrica de Fitas Cinematográficas. Fragmentos dele foram resgatados na década de 1970 e a versão que se tem preservada possui pouco mais de quatro minutos.

No Parque compareceram visitas ilustres como a princesa Isabel e o conde D’Eu, o Marechal Deodoro da Fonseca, Olavo Bilac, Evaristo da Veiga, Antônio Feijó, Coelho Neto, o Bispo Dom Sebastião do Rio de Janeiro, o Ministro da Argentina e outros.

Fato interessante ocorreu quando a princesa Isabel em visita a Pelotas, em 1885, passeou com seus dois filhos em um bondinho puxado a burros. Como em todo o lugar por onde andava a nobre senhora, faziam-se manifestações de simpatia e às vezes um tanto exageradas. Os pelotenses, dados a homenagens, não fizeram diferente. Ornamentaram o bondinho com flores para os reais passageiros que os levaria ao parque Sousa Soares, o primeiro centro turístico do Rio Grande do Sul. (Léon, 2012)

Conforme relato de Leonor Almeida de Souza Soares e Carmen Souza Soares Reis:

Os bosques, jardins e avenidas arborizadas do parque Souza Soares logo se tornaram ponto de atração para a população de Pelotas e arredores, que passavam suas horas de lazer nos recantos da propriedade sendo por isso considerada como “o primeiro centro turístico em nosso estado”. Praças, jardins, lagos, cascatas, uma ilha, caramanchões, coretos, um ringue de patinação, locais para jogos, aparelhos de ginástica, garantiam um ambiente saudável para os residentes e visitantes. (Leonor e Carmem *apud* Moraes, 2013, p.19)

Dona Marília de Souza Soares Leite, já falecida, neta do Visconde de Souza Soares, comenta sobre o Parque no jornal Diário Popular (1987):

[...] a vida no parque era uma maravilha, um paraíso. Tinha pomar, jardins, chafarizes, lagos, ilhas, avenidas, morros e, um labirinto onde era necessária a presença de um guarda para orientar as pessoas, caso contrário, as pessoas sem orientação não sairia de lá, e a praça então, era uma beleza! Tinha balanços para adultos e crianças, trapézio, carrossel, gangorra, argolas, ringue de patinação, restaurante. Foi um Parque que serviu a várias gerações. (Diário Popular, Pelotas, 1987, p. 6)

De acordo com informações das bisnetas do fundador do parque Souza Soares e primas em segundo grau, a professora universitária Leonor Almeida de Souza Soares, que mora em Pelotas, e Carmen Souza Soares Reis, que atualmente reside nos Estados Unidos, o parque:

foi aberto à visitação pública e recebia excursões de diversas cidades da região, servia de ponto para a difusão do folclore rio-grandense, nordestino e português. Nas festas dominicais se buscava conseguir recursos para um fundo destinado à abolição dos escravos. Souza Soares deu o exemplo e libertou na primeira dessas festividades os que possuía e todos passaram a ser empregados livres. “Isto ocorreu antes da abolição pela princesa Isabel”, frisa o tataraneto Soares Filho. (Nunes, Diário Popular, 2007)

O parque Souza Soares sofreu grande declínio depois que seu fundador transferiu residência para Portugal em 1901 acompanhado de sua segunda esposa e de sete filhos menores deixando seus dois filhos mais velhos a frente do empreendimento comercial.

Seu filho Leopoldo Álvares de Souza Soares que ficou a frente da parte comercial e seu filho Dr. Miguel de Sousa Soares químico farmacêutico responsável pela parte de fabricação dos medicamentos lutaram com grande dificuldade decorrente da situação do país após a Primeira Guerra Mundial, tendo ao mesmo tempo que arcar com grande parte do sustento da nova família do pai em Portugal (Moraes, 2013, p.34)

Logo, os filhos ficariam ainda mais onerados com todos os encargos do negócio, chegando com dificuldade à década de 1950 quando houve a falência da firma, na década de 1970 a propriedade foi partilhada entre os herdeiros, a maioria dos quais vendeu seus lotes ao mesmo comprador que não manteve nada do que restava da mesma. Procedeu a um loteamento de casa populares.

Miguel morreu em 1961 e seu filho Jorge no ano de 1979. Parte da área onde tudo começou, que ainda era ocupada pelos descendentes, no entanto, foi alvo de depredação. “A ladroeira e o vandalismo de que foram vítimas a casa, a capela e a fábrica ocorreram justamente quando meu tio (Jorge) estava sendo velado, no mesmo dia em que morreu”, conta Carmen. Conforme relatos da família, diversos caminhões do município participaram do furto. Sumiram as imagens e as alfaias da capela, o altar, as grades de comunhão e até as tábuas do assoalho. Do laboratório e da fábrica tudo o que podiam levaram também. Parte da casa de Miguel foi revirada, especialmente o escritório, onde estava uma coleção de armas, relógios antigos e grande variedade de objetos. “Tudo isso foi perpetrado na calada da noite, enquanto meu tio estava sendo velado na capela do cemitério”, frisa Carmen. . (Nunes, Diário Popular, 2007)

Carmen, juntamente com Leonor, escreveram o livro "Souza Soares: a Saga de uma Família Portuguesa no Brasil" em 2014 que conta a história de um grupo de irmãos que foram separados pelo destino e conseguiram reunir-se como imigrantes no Brasil.

Considerações Finais

Um dos primeiros e principais “pontos de recreio” em Pelotas, no século XIX, foi o Parque Pelotense, posteriormente denominado Parque Souza Soares. O parque mais expressivo do período, pelas suas dimensões e variedade de atividades era o Parque Pelotense, aberto ao público em 1883.

O Parque Pelotense, um parque privado, foi uma área de referência em de lazer e contemplação na cidade de Pelotas. Surgiu inspirado em cenários europeizados, com fontes, quiosques, pórticos, esculturas, pontes, bosques, labirintos, fontes, praças, jardins, lagos e cascatas.

O Parque Souza Soares foi um local importante para a sociedade pelotense e principalmente para o bairro Fragata, que teve seus momentos de glória e reconhecimento.

Constata-se que além dos frondosos bosques, granja, jardins com estufas, bosques, labirintos, fontes, praças, espaçosas ruas e passeios, restaurante, jardins, lagos, cascatas, praças com estátuas e avenidas, a presença de muita diversão como carrossel, balanços, ringue de patinação, vários jogos, bailes ao ar livre, concertos com bandas de música locais, passeios em lagos, em velocípedes ou a cavalo, e inúmeros equipamentos voltados ao lazer como aparelhos gimnodesportivos, prática de vários esportes como futebol, esgrima.

Assim, no parque eram realizadas diversas práticas de lazer - culturais, físicas, contemplativas, sociais, educativas, artísticas e ambientais. Ressalta-se que, ao usufruir esse espaço, os indivíduos se socializam e trocam conhecimento com familiares e amigos, também, a contemplação, rompendo com o universo do cotidiano.

Constata-se que os pelotenses valorizavam as atividades recreativas e, consideravam o parque Souza Soares um espaço de lazer, recreação, deleite e contemplação, bem como um recinto com finalidades científicas.

O parque foi um espaço de lazer, uma referência para o descanso e entretenimento dos pelotenses e dos visitantes, tinha momentos de diversão e lazer para a população, muitos brinquedos, lugares para passeio e distração. Principalmente, nos fins de semana o Parque Souza Soares era um atrativo. O parque era um local muito frequentado na época. Era um verdadeiro e significativo centro de atrações turísticas no Rio Grande do Sul. Foi, portanto, um atrativo tanto para moradores quanto para turistas, propiciando um espaço com diversas atividades e fragmentos de natureza no meio urbano. Este local teve a função conduzir os sujeitos à sensação de descanso e de entretenimento, seja pela recriação do contato com a natureza, seja pela oferta de atividades de lazer dotadas de elementos lúdicos.

Ainda hoje Pelotas não conta com um parque desse porte. No caso do objeto aqui analisado, pode-se depreender que dados sobre a história do Parque Souza Soares são de extrema importância, pois desse empreendimento erigido sobre uma vasta área e que não mais existe, restam apenas algumas lembranças e alguns vestígios.

Através da compreensão acerca do surgimento e da trajetória do Parque Urbano Souza Soares de Pelotas e seu uso para o lazer em Pelotas pôde alcançar alguns fragmentos desse passado esvanecido. São vestígios que funcionam como suportes memoriais por meio dos quais, com concepções e influências presentes, atualiza-se um passado que não se vivenciou, mas que se tem a possibilidade e o privilégio de aproximar-se.

Referências Bibliográficas

- FARIELLO, F. (2000). *La arquitectura de los jardines: de la antigüedad al siglo XX*. Madrid: Celeste, 2000.
- Gill, L. A. (2008) A cura sob suspeita: a presença de espíritas, feiticeiros, homeopatas e licenciados em Pelotas (RS) – 1891-1930. *IX Encontro Estadual de História*. Disponível em: http://eeh2008.anpuhrs.org.br/resources/content/anais/1212353245_ARQUIVO_TextofinalANPUH2_008-LorenaAlmeidaGill.pdf. Acesso em: 24.04. 2016.
- Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Sul. (2012). Discurso de Recepção. Fausto José Leitão Domingues. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RS*. n. 146.
- León, Z. de. (2012). *Os bondes em Pelotas - a novidade no Rio Grande do Sul*. Viva o Charque. Pelotas. 02/05/2012. Disponível em: <http://www.vivaoscharque.com.br/interativo/artigo22> Acesso em: 17.05.2016.
- Lüdke, M. André, M.E.D.A. (1986) *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU.
- Macedo, S. S. (2003) *Parques Urbanos no Brasil*. Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Magalhães, M. O. (1993). *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Sul*. Um estudo sobre a história de Pelotas. Pelotas: Ed. UFPel.
- Melo, M. I. O. (2013). *Parques Urbanos, a Natureza na Cidade: Práticas de Lazer e Turismo Cidadão*. Mestrado Profissional em Turismo. Universidade de Brasília. Brasília.
- Moraes, F. R. (2013). *Um Estudo Sobre a Conservação do Altar de Santa Luzia*. Monografia Bacharelado em Conservação e Restauo de Bens Móveis. UFPEL. Pelotas/ RS.
- Nunes, I. A. (2007) *Cultura: Injeção de ânimo no resgate da história*. Diário Popular. 09.12.
- Oliveira, E. P. de. (2007). *Viagem na memória do Fragata: estudo sobre a história e cultura de um "bairro cidade"*. Monografia apresentado no curso de Especialização em Patrimônio Cultural. Programa de Pós-graduação em Artes. Universidade Federal de Pelotas.
- Peixoto, P. T. (2016). Patrimônio de origem filantrópica – contributo dos brasileiros. *Revista Lusíada*. Universidade Lusíada (Porto). Disponível em: <http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/fa/article/download/314/292>. Acesso: 18.04.2016.
- Rassier, A. L. P. L. (2003). *Parque Souza Soares: apenas lembranças*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Patrimônio Cultural: conservação de artefatos) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- Scalise, W. (2012) Parques Urbanos – evolução, projeto, funções e uso. *Revista Assentamentos Humanos*. Marília, v. 4, n. 1, p.17-24. Disponível em: http://www.unimar.br/feat/assent_humano4/parques.htm Acesso em: 05. 04.2015.
- Scocuglia, J. B. C. (2009). O Parc de La Tête d'Or: patrimônio, referência espacial e lugar de sociabilidade. *Arquitextos*, São Paulo, 113.03, *Vitruvius*. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10,113/20> Acesso em: 05. 04.2015.
- Segawa, H. (1996). *Ao amor do público: jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP.
- Serpa, A. (2007). *O Espaço Público na Cidade Contemporânea*. São Paulo: Editora Contexto.
- Silveira, A. M. da. (2009). *De fontes e aguadeiros à penas d'água: reflexões sobre o sistema de abastecimento de água e as transformações da arquitetura residencial no final do século XIX em Pelotas – RS*. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

Soares, P. R. R. (2001). *Modernidade Urbana e Dominação da Natureza: o saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX. História em Revista, Pelotas, v.7.*

Souza Soares, V. [s.d.]. *O Novo Médico*. 2 ed. Portuguesa. Porto (Portugal): Estab. Indust. Pharmaceut.